

Sarney anuncia hoje o seu líder

Carlos Sant'Anna vai representar o Governo na Constituinte

RITAMARIA PEREIRA
Da Editoria de Política

O presidente José Sarney anuncia hoje a escolha de seu líder na Constituinte. É o deputado Carlos Sant'Anna, do PMDB da Bahia, que resume as qualidades buscadas para o novo ocupante do cargo: trânsito fácil nas bancadas do PMDB na Câmara e no Senado e também dentro do Palácio do Planalto. As negociações em torno da escolha do representante do Governo nessa importante fase da vida nacional se desenvolvem há dias e em dado momento chegou a se fixar no nome do senador José Rícha. Mas, depois, ficou claro que o melhor seria mesmo um deputado e o peemedebista balano, ex-ministro e com boa aceitação na legenda. A consequência imediata dessa decisão é que Carlos Sant'Anna não mais disputará, amanhã, a liderança da bancada.

A decisão do Governo em ter líder próprio na Constituinte surgiu depois que o presidente Sarney e o senador Fernando Henrique Cardoso — líder no Senado — concordaram de que não seria viável acumular a liderança da bancada com a do Governo. Isso impediria o dono do cargo de agir com independência e poderia criar atritos capazes de acirrar as divergências internas do PMDB, que não são pequenas. Permaneceu então a tese de que os líderes de bancada precisavam ser liberados dessa missão, considerada por alguns espinhosa, pois já não é tão cor-de-rosa defender o Governo às vésperas do Cruzado III, quando cresce a insatisfação popular pela morte do congelamento, e a economia desandou.

Livres os líderes para atuar na Constituinte sem compromisso com o Governo, as negociações voltaram-se para amarrar bem essa tese na cúpula do PMDB, onde não eram poucas as resistências à idéia, tentada pelo falecido presidente Tancredo Neves e que não deu certo. As consultas envolveram o presidente Ulysses Guimarães, sempre batendo na tecla de que era preciso assegurar

a independência dos líderes na Assembléia Nacional Constituinte, mas o Governo não poderia ficar nela sem o seu porta-voz.

O presidente Sarney conversou e trocou idéias com diversos políticos, além de manter como interlocutor privilegiado o deputado Ulysses Guimarães, figura vital nesse entendimento do Governo com o partido.

A princípio, o deputado Ulysses Guimarães mostrava-se reticente e resistente à idéia. Mas pesou o fato do senador Fernando Henrique Cardoso não desejar ser líder do Governo. Ele, então, passou a admitir fatos, desde que fosse amplamente consultado e pudesse interferir na escolha do líder governista na Constituinte, como efetivamente aconteceu. Para isso, ampliou o leque de negociações, ouvindo os quatro deputados candidatos a líder da bancada do PMDB: Milton Reis, Luiz Henrique, Carlos Sant'Anna e João Hermann.

Por outro lado, o presidente Sarney conversou com alguns dos nomes pensados para o cargo. Ouviu de Carlos Sant'Anna, após revelar a hipótese de ser o escolhido, o que pensava a respeito da nova liderança. Foi um diálogo franco e aberto. O deputado não tinha como recusar a missão, mesmo sabendo que dava um salto no escuro e colocava em jogo seu futuro político. Ele fez algumas observações importantes. Sant'Anna entende que uma posição como a que passará a ocupar precisava da anuência do partido, sob pena de perder força, impedir seu trânsito nas bancadas e transformá-lo numa figura retórica. Isso, contudo, sem lutar pelo lugar. Até porque preferia vencer a eleição na bancada, tanto que estava preparado para o debate de amanhã com todos os deputados.

Contudo, existe um fato que pesou nessa avaliação. O apoio ao presidente Sarney nessa fase difícil da política econômica. No início da Nova República, ou mesmo na fase boa do cruzado, todo o mundo toparia qualquer coisa. Como agora os próceres do

PMDB poderiam dizer a ele que não conta mais com figuras importantes do partido? É verdade que o cargo de líder do Governo na Constituinte representa desgaste e uma grande interrogação. Mas Carlos Sant'Anna não tem como olhar apenas para esse aspecto.

Ex-ministro da Saúde, escolhido por Tancredo Neves e mantido por Sarney, Sant'Anna entendeu que esse momento exigia demonstração de solidariedade, não cabendo prevalecer posições pessoais de temor à impopularidade do Governo, nem sua preferência pela liderança da bancada, onde sua candidatura estava forte, apesar das tentativas de setores conhecidos em minar suas bases. Não deixou de consultar amigos e políticos antigos, mas pesou o lado da solidariedade.

Contudo, os que conhecem Carlos Sant'Anna estão certos de que ele dará o salto no escuro e lutará pelo Governo nos moldes recitados ao interesse do presidente na Constituinte. Da nova missão, soube apenas que será articulador, algo muito vago para quem prefere a precisão. Se não der certo, em poucos meses poderá estar se despedindo da missão.

O novo líder do Governo na Constituinte tem 55 anos de idade, é viúvo, com sete filhos. Ex-secretário de Educação do Governo Roberto Santos, deixou o cargo para disputar a eleição de deputado federal e pela terceira vez reeleger-se, em novembro último. Foi fundador do PP (Partido Popular), fato que lhe deu a oportunidade de conviver e enraizar amizades com os senadores Afonso Camargo e Tancredo Neves. Depois, articulou a incorporação do partido ao PMDB e não mais deixou de agir nos bastidores, em favor da Nova República e, mais recentemente, para eliminar as dissidências no PMDB que ameaçavam a recondução do deputado Ulysses Guimarães à presidência da Câmara. E essa habilidade construída com muita dificuldade que foi convidado agora a pôr a serviço do Palácio do Planalto na Constituinte.

Hermann diz que bancada reagirá

A indicação do deputado Carlos Sant'Anna para a liderança do Governo na Constituinte e o apoio de Ulysses Guimarães à candidatura do deputado Luiz Henrique para a liderança do PMDB na Câmara "são duas pontas de uma negociação com o presidente Sarney para tirar da bancada o direito de decidir livremente", reagiu ontem o deputado João Hermann, também candidato à liderança.

"Lastimo a negociação que tenta tirar a disputa da bancada. Esse é um novo prato-feito que a bancada não aceitará, eu espero. A bancada é povo, foi renovada em 60 por cento, e não vai deixar dominar pelos velhos esquemas. Se os deputados votaram no esquema oficial, depois não poderão reclamar. Se mostrarem independência, reagirem, aí o PMDB poderá avançar de verdade, inclusive cobrando do Governo a reforma ministerial que coloque o partido no poder", afirmou Hermann.

O deputado paulista pensa que o Congresso não aceitará facilmente essa interferência do Governo, ressuscitando a figura do líder independente — praticada pela última vez no tempo do presi-

dente João Goulart — justamente na Constituinte, "embora para disfarçar se diga que Sant'Anna será líder apenas no Congresso". Segundo Hermann, na sexta-feira já se verificava "uma certa indignação entre os constituintes, e se essa indignação crescer na segunda-feira o Governo pode até recuar da indicação".

Essa é uma possibilidade — o recuo — que não pode ser descartada, não apenas devido à eventual reação dos constituintes, mas também pelo teor da conversa que o presidente Sarney teria com Ulysses antes de anunciar oficialmente a novidade. "Ulysses neste fim de semana esteve em São Paulo com Montoro e Quéricia e em Minas com Hélio Garcia e Newton Cardoso. Certamente trouxe informações que poderão influenciar a decisão final de Sarney."

"De qualquer forma", disse João Hermann, "ganhei um gancho eleitoral e vou colocar minha campanha em termos da luta do velho contra o novo, o autoritarismo contra a prática democrática. Nesse momento, o que está em jogo é a possibilidade de estourar ou não o Estado autoritário, que continua sobre nossas ca-

becas e não pretende mudar".

Já o deputado Luiz Henrique — tido como um dos favoritos da bancada peemedebista — acha que a indicação de Carlos Sant'Anna e sua consequente retirada da disputa, "consolida minha posição". Ele pensa que não terá dificuldades para integrar seu trabalho com o do líder do Governo: "Ele trará a posição do Governo à bancada e eu levarei a posição da bancada ao Governo".

Luiz Henrique reconhece que "será difícil dissociar a figura do deputado, líder do Governo, da figura do constituinte", mas acha que "dificuldades a gente procura contornar". O importante, para ele, é que o indicado "é do PMDB, uma pessoa de responsabilidade, fiel ao partido, atento para a delicadeza da transição democrática e para as responsabilidades do PMDB em relação ao Governo".

Milton Reis, o terceiro candidato à liderança do PMDB, manifestou posição exatamente igual, mas acredita que será o maior beneficiário dos votos eventualmente comprometidos com Sant'Anna, "pois como ele sou classificado como um moderado".